

# RADAR ÁSIA-PACÍFICO

Maio 2023

RADAR ÁSIA-PACÍFICO  
Maio 2023  
v.2 n.5



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SOBRE A LIGA DE ESTUDOS ÀSIA-PACÍFICO

A Liga de Estudos Ásia-Pacífico (LEAP) é um projeto extracurricular idealizado e desenvolvido por alunos do curso de graduação de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por meio de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, a LEAP tem por objetivo principal aprofundar a contribuição dos discentes da universidade nos debates acadêmicos acerca das questões de cooperação, conflito, política e cultura dos países da Ásia-Pacífico.

O Radar Ásia-Pacífico é a análise de conjuntura mensal escrita pelos ligantes da LEAP, com a finalidade de discutir os temas latentes que dizem respeito à cooperação e conflito na região no último mês.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor(a)(es) não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

## **EQUIPE LEAP**

### **Professor coordenador da LEAP**

Diego Santos Vieira de Jesus

### **Presidentes da LEAP**

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

### **Diretores da LEAP**

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Sofia Mendes Magalhães

Beatriz Nardy de Queiroz

## **RADAR ÁSIA-PACÍFICO**

Maio/2023. Rio de Janeiro.

PUC - Liga de Estudos Ásia-Pacífico

31p; 29,7 cm

1. Ásia-Pacífico;
2. Cooperação;
3. Conflito;



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SUMÁRIO

1

## **O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO DE YOON SUK-YEOL**

Beatriz Nardy de Queiroz  
Laura Simões Jordão

2

## **A RECESSÃO EM TAIWAN E SEUS DESDOBRAMENTOS NA GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL**

Érico Azera Gonçalves da Rocha  
Letícia Fernandes de Almeida

3

## **O AVANÇO DA OTAN NA ÁSIA-PACÍFICO**

Luiza Simões Bethlem Monteiro  
Samia Abinader Franco

4

## **VIAGEM DE LULA À CHINA: ACORDOS FUTURO DA RELAÇÃO BILATERAL**

Beatriz Waehneltdt da Silva  
Franciane da Silva Farias

5

## **A PERSPECTIVA FILIPINA COM RELAÇÃO AO MAR DA CHINA MERIDIONAL**

Matheus Lopes de Albernaz  
Rogério Holanda Zoghbi

6

## **A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA NA ÍNDIA: CAUSAS E EFEITOS**

Isabela Süssekind Rocha Torres  
Guilherme Uram

# 1

## O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO DE YOON SUK-YEOL

Beatriz Nardy de Queiroz

Laura Simões Jordão

O início de maio de 2023 marcou o primeiro ano de mandato do presidente da Coreia do Sul, Yoon Suk Yeol. Apesar de progressos notáveis desde que assumiu o cargo em diversas áreas – especialmente no que diz respeito à política externa –, o ex-procurador público e atual mandatário enfrentou visíveis dificuldades no âmbito doméstico, tendo que lidar não só com a polarização política no país, mas também com uma decrescente taxa de aprovação entre as mais diversas camadas da população e uma crise econômica em curso. Nesse contexto de primeiro ano de governo, o desempenho de Yoon enquanto líder da Coreia do Sul dividiu opiniões. Isso porque, de um lado, seus apoiadores o elogiaram por seus esforços em melhorar as relações diplomáticas com Estados Unidos e Japão, enquanto seus oponentes criticaram o que percebem como suas deficiências na liderança doméstica (SHIN, 2023).

Em relação à política externa, o presidente sul-coreano buscou fortalecer o relacionamento trilateral com os Estados Unidos e o Japão. Em relação ao primeiro, durante sua visita oficial a Washington, Yoon e o presidente norte-americano Joe Biden adotaram a Declaração de Washington, que “estabelece o acordo dos dois países de lançar um Grupo de Consulta Nuclear que garante a participação de Seul nos compromissos de dissuasão estendida dos Estados Unidos para a Coreia” (SHIN, 2023, *tradução nossa*).

No que diz respeito à relação diplomática com Tóquio, em março deste ano Yoon realizou uma cúpula com o primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, na qual foi confirmado o restabelecimento de laços bilaterais após anos de relações tensas devido a disputas históricas. A escravidão sexual de mulheres sul-coreanas – as chamadas “mulheres de conforto” – pelo exército imperial japonês durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por exemplo, continua sendo uma questão sensível que frequentemente reaparece na relação entre os dois países.

Em resposta à visita do presidente sul-coreano a Tóquio e em meio às ameaças nucleares da Coreia do Norte e à crescente assertividade da China, Kishida

esteve em Seul para a primeira visita à capital sul-coreana feita por um líder japonês em 12 anos. A cooperação e coordenação entre a Coreia do Sul e o Japão, contudo, não foi vista com bons olhos pelo principal partido de oposição do país, o Partido Democrático, que “criticou Yoon por ser submisso, “desconhecer a história” e se envolver em uma “diplomacia de humilhação”” (REUTERS, 2023).

A dimensão doméstica, por sua vez, foi marcada por um cenário menos promissor. A relação entre os partidos governista e de oposição foi bastante conflituosa visto que o principal partido de oposição, além de deter a maioria na Assembleia Nacional, bloqueou as iniciativas do partido de Yoon. (THE CHOSUNILBO, 2023). Além disso, “a administração Yoon não fez qualquer esforço visível para buscar cooperação da Assembleia Nacional, chegando ao ponto de essencialmente contorná-la” (SHIN, 2023, *tradução nossa*).

O partido da oposição venceu as eleições parlamentares de 2020, realizadas durante a pandemia de covid-19, obtendo 180 dos 300 assentos (60% do total). Os números explicitam esse domínio, 562 projetos de lei do atual governo foram aprovados no plenário da Assembleia Nacional, um declínio de 30% em comparação com os números do primeiro ano de mandato do ex-governo Moon Jae-in do Partido Democrático (SHIN, 2023). Todavia, as próximas eleições legislativas da Coreia do Sul estão marcadas para 10 de abril de 2024, e o seu resultado vai interferir diretamente no desempenho do mandato de Yoon Suk-Yool. No atual cenário, as eleições são o ponto-chave para o futuro do país: o fim do impasse com a Assembleia pelo Partido do Poder Popular e uma nova era de cooperação entre os partidos ou uma grave instabilidade política.

No que diz respeito ao cenário econômico do país, após o primeiro ano dos seus cinco no poder, a equipe de política econômica do presidente Yoon Suk-Yeol teve um tímido sucesso ao diminuir a inflação que vinha de números alarmantes em 2022. A equipe do conservador político sul-coreano, sob liderança do vice-primeiro ministro e ministro da Economia e Finanças, Choo Kyung-Ho, reduziu pelo terceiro mês consecutivo a inflação ao consumidor para a mínima de 14 meses (3,7%) em abril (YI, 2023). Todavia, o horizonte de crescimento para a economia sul-coreana segue limitado e lança dúvidas sobre a força das promessas do atual governo sobre recuperar a economia na segunda metade do ano.

Para mais, a elevação do custo de vida da população sul-coreana é um dos fatores que explica os baixos números de aprovação da administração de Yoon Suk-Yeol. De acordo com a pesquisa de opinião da Gallup Korea, a menos de um ano para as eleições parlamentares, o índice de desaprovação era de 59%. Paralelamente, a Coreia do Sul anunciou o aumento dos preços da eletricidade em 5,3% , segundo reajuste anual de preços e o aumento do preço do gás para as residências. (REUTERS, 2023).

Em uma visita no Cemitério Nacional de Seul para comemorar um ano da sua vitória nas eleições, o atual presidente sul-coreano, declarou que "[o] ano passado foi um processo de corrigir a direção errada dos assuntos do Estado em uma estrutura mais ampla. No segundo ano, o foco será examinar a crise na economia e na vida das pessoas" (KOREA JOONGANG DAILY, 2023). Porém, é provável que o atual governo tenha dificuldades em aprovar os projetos de sua agenda política por ter minoria na Assembleia Nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOREA JOONGANG DAILY. Yoon pledges to focus on economy, reforms in second year. *Korea JoongAng Daily*, 24 mai. 2023. Disponível em <https://koreajoongangdaily.joins.com/2023/05/10/national/politics/Korea-Yoon-Suk-Yeol-one-year-anniversary/20230510180606255.html>

REUTERS. South Korea lifts power prices by 5.3% in a delayed move. *Reuters*, 24 mai. 2023. Disponível em <https://www.reuters.com/markets/asia/south-korea-lifts-power-prices-by-53-delayed-move-2023-05-15/>

REUTERS. Japan PM Kishida visits Seoul to forge closer ties amid North Korea threats. *Reuters*, 06 mai. 2023. Disponível em <https://www.reuters.com/world/asia-pacific/japan-pm-kishida-visits-seoul-forge-closer-ties-amid-north-korea-threats-2023-05-06/>. Acesso em 23 mai. 2023.

SHIN, Ji-Hye. 1 year in - Yoon's foreign policy initiatives overshadowed by domestic troubles. *The Korea Herald*, 24 mai. 2023. Disponível em <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20230509000604>

SHIN, Ji-Hye. South Korea's ruling, opposition parties clash over Yoon's first year. *The Korea Herald*, 10 mai. 2023. Disponível em <http://www.koreaherald.com/view.php?ud=20230510000780>

THE CHOSUNILBO. Opposition slams President Yoon on diplomacy, North Korea policy. *The ChosunIlbo*, 10 mai. 2023. Disponível em [https://english.chosun.com/site/data/html\\_dir/2023/05/10/2023051001631.html](https://english.chosun.com/site/data/html_dir/2023/05/10/2023051001631.html)

YI, Whan-Woo. Yoon's economic team somewhat successful in juggling growth, inflation. *The Korea Times*, 24 mai. 2023. Disponível em [https://www.koreatimes.co.kr/www/biz/2023/05/488\\_350636.html](https://www.koreatimes.co.kr/www/biz/2023/05/488_350636.html)

# 2

## A RECESSÃO EM TAIWAN E SEUS DESDOBRAMENTOS NA GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL

Érico Azera Gonçalves da Rocha  
Letícia Fernandes de Almeida

A análise a seguir trata das implicações internacionais que o processo de recessão taiwanês gera, sobretudo no que diz respeito à competição hegemônica dos Estados Unidos com a República Popular da China (RPC). Para tal, são abordados aspectos da economia interna de Taiwan assim como a predominância do setor industrial de eletrônicos taiwanês no campo dos semicondutores. O crescimento da economia do país está e esteve, desde os anos 1980, subordinado às dinâmicas de oscilação de demanda do mercado internacional, fato que rendeu a Taiwan um expressivo aumento no PIB nos anos de emergência global pandêmica (2019-22), e agora abala as estruturas produtivas taiwanesas devido à redução da demanda mundial por microchips. Além disso, surgem discussões dentro dos EUA e da RPC sobre garantir uma autonomia produtiva no setor eletrônico a fim de reduzir a dependência da oferta desses produtos vindos da ilha.

Inicialmente, é relevante realizar uma breve análise do período pandêmico em Taiwan, além da dependência desenvolvida pela economia taiwanesa ao comércio internacional, especialmente em relação às exportações, aos superávits comerciais e aos fluxos de investimento externo direto (IED). A história de Taiwan entre as décadas de 1960 e 1990 permitiu que a ilha fosse caracterizada como um dos Tigres Asiáticos. A história econômica taiwanesa, nesse sentido, revela que a política de promoção das exportações foi algo coordenado pelo Estado desenvolvimentista, permitindo que houvesse uma inserção competitiva no comércio internacional e a promoção de arranjos produtivos intensivos em capital e não em mão de obra (MDIC, 2000; HILLEBRAND, 1990). Podemos caracterizar setores principais que foram estimulados durante esse período, setores estes que seguem tendo extrema relevância para as exportações taiwanesas: a produção automotiva, os setores químico, siderúrgico, farmacêutico, agrícola e pesqueiro, além da produção de eletrônicos. A especialização produtiva no setor de eletrônicos, especificamente nos semicondutores e microchips, fez com que Taiwan aumentasse seu PIB em 3,11% no ano de 2020, enquanto a média global se manteve em 4,5% de queda. Tal fato significou um crescimento maior do que o da República Popular da China (RPC), algo que não acontecia nas últimas três

décadas (LEE, 2021). O mercado de semicondutores entra nas dinâmicas internacionais porque é uma ferramenta comercial e política que marca não só o contexto asiático, mas afeta também as cadeias globais de valor (CGVs) do norte global.

O início do ano de 2023, mais precisamente o primeiro trimestre, ficou marcado pelo desempenho negativo da economia taiwanesa, que encolheu 3%. Essa foi a pior performance do país desde 2009 e o pior começo de ano desde a Crise de 2008 (KAO; HUNG 2023; FOLHA, 2023), algo que deve-se levar em conta tendo em vista a já citada dependência da demanda global de produtos taiwaneses, especialmente semicondutores e demais componentes eletrônicos. A dinâmica da demanda global por semicondutores está no centro dos embates comerciais desde o início da pandemia em 2020 e abarca temas que colocam em xeque os ideais de liberalização comercial introduzidos nas economias asiáticas nos anos 1980. No mês de março de 2023, houve desaceleração na demanda por chips em decorrência da queda nas vendas de produtos eletrônicos, que tiveram seu auge no início da pandemia (NIKKEI ASIA, 2023). A recessão em Taiwan traça relações diretas com uma mudança do raciocínio produtivo no campo dos semicondutores a partir dos recentes episódios de insuficiência de oferta.

Há um uso político do comércio internacional que faz parte da competição hegemônica entre Estados Unidos e RPC. A China continental utiliza restrições e bloqueios comerciais no trato com Taiwan como forma de reforçar sua presença geoestratégica na Ásia-Pacífico. Nesse sentido, o desenvolvimento da produção doméstica de eletrônicos - que já está sendo buscado pela RPC há décadas, ressalta os efeitos da crise global de semicondutores dos últimos anos nas disputas políticas do sistema internacional. No cenário atual, Taiwan detém 60% da produção global de semicondutores e 90% dos produtos mais especializados (FOLHA, 2023) e por isso Pequim e Washington seguem caminhos distintos, mas convergentes no que diz respeito à busca pela autonomia produtiva. A RPC busca priorizar a produção interna a fim de evitar as oscilações do mercado taiwanês, e os EUA praticam o “*nearshoring*”, ou seja, trazer a cadeia de produção de eletrônicos para uma localização mais próxima da indústria doméstica.

Os discursos do presidente Joe Biden que fazem referência a um “retorno da manufatura norte-americana” (ERNST, 2022) se relacionam à decisão da

*Taiwan Semiconductor Manufacturing Company* (TSMC), a maior fabricante mundial de chips de última geração, de abrir fábricas em território estadunidense. Esse fato é ainda sustentado por meio da visita de Nancy Pelosi (à época presidente da Câmara dos Representantes dos EUA) a Taiwan em agosto de 2022, na qual a presidente da Câmara dos Deputados dos EUA se reuniu com Mark Liu, presidente da TSMC.

É indispensável levar em conta que com a recessão econômica atual em Taiwan, são observadas iniciativas de recuperação econômica e estreitamento de laços com o mercado estrangeiro. Um indicador das políticas adotadas por Taiwan é o acordo comercial com os EUA, anunciado no dia 18 de maio de 2023, alvo de críticas da RPC. Foi anunciado que os novos parceiros buscarão concretizar uma parceria sólida que aborde os desafios econômicos urgentes do século XXI.

O cenário doméstico taiwanês deve ser compreendido para melhor entender a recessão econômica e as dinâmicas globais que a tocam. Taiwan tem enfrentado desafios relacionados às fracas condições do setor manufatureiro desde o início de 2023, sendo que a produção industrial caiu 14,5% em março (SP GLOBAL 2023). Vale ressaltar também o fato de que, como mencionado anteriormente, o cenário da pandemia precisa ser considerado uma vez que foram gerados grandes desafios. Embora Taiwan tenha tido o melhor crescimento econômico entre os quatro tigres asiáticos em 2021, mais de 68% dos trabalhadores taiwaneses ganham até hoje quantias abaixo do valor do salário mínimo (ERDE, 2023). Além disso, Taiwan expressou preocupação de que a crescente instabilidade interna possa desencadear uma agressão externa por parte da RPC, que também enfrenta desafios na política doméstica. Joseph Wu, ministro das Relações Exteriores de Taiwan, afirmou em novembro de 2022 que a maneira mais fácil de um país autoritário contornar o fato de que não consegue controlar sua própria instabilidade doméstica é a criação de uma crise externa para dispersar a atenção doméstica ou manter seu país unido (GLOBAL NATION, 2023).

Portanto, pode-se concluir que a ilha está bastante vulnerável às dinâmicas mercadológicas internacionais e que toda a malha produtiva global de eletrônicos ainda está, de certa forma, ligada às questões domésticas em Taiwan. O processo de garantia da autonomia produtiva na China continental e nos EUA pode ter implicações severas para a economia taiwanesa, que ainda

é extremamente dependente dos superávits comerciais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRAWFORD et al. *The World Is Dangerously Dependent on Taiwan for Semiconductors*. Disponível em <https://www.bloomberg.com/news/features/2021-01-25/the-world-is-dangerously-dependent-on-taiwan-for-semiconductors>. Acesso em: 20 maio. 2023.

ERDE, Gu. Tackling the growing income gap in Taiwan. *Think China*, 2023. Disponível em <https://www.thinkchina.sg/tackling-growing-income-gap-taiwan>. Acesso em: 19 mar 2023.

ERNST, J. Biden estreia fábrica de semicondutores para reduzir dependência chinesa. UOL. Disponível em <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/afp/2022/12/07/biden-estreia-fabrica-de-semicondutores-nos-eua-para-reduzir-dependencia-chinesa.htm>. Acesso em: 20 maio. 2023.

HILLEBRAND, W.. *The Newly Industrializing Economies as Models for Establishing a Highly Competitive Industrial Base - What Lessons to Learn?* Disponível em *The Newly Industrializing Economies of Asia: Prospects of Cooperation*. 1. ed. Berlin, Heidelberg: [s.n.].

JORNAL DA UNESP. Disponível em <https://jornal.unesp.br/2023/01/20/crise-de-escassez-de-semicondutores-prejudica-desde-setor-automotivo-ate-programas-de-aceleradores-de-particulas-e-tem-disputa-economica-entre-eua-e-china-como-complicador/>. Acesso em: 20 maio. 2023.

KAO, J.; HUNG, F. Taiwan slips into recession as Q1 GDP hits 14-year low. Disponível em <https://www.reuters.com/markets/asia/taiwan-slips-into-recession-q1-gdp-contracts-worse-than-expected-2023-04-28/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

LEE, R. Taiwan's China dependency is a double-edged sword. Disponível em <https://www.eastasiaforum.org/2021/07/06/taiwans-china-dependency-is-a-double-edged-sword/>. Acesso em: 20 maio. 2023.

MDIC. Taiwan: Política Comercial. Disponível em [http://www.comexresponde.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl\\_1196773158.pdf](http://www.comexresponde.gov.br/portalmDIC/arquivos/dwnl_1196773158.pdf). Acesso em: 20 mai. 2023.

TAIWAN economy slumps into recession. SP GLOBAL, 2023. Disponível em <https://www.spglobal.com/marketintelligence/en/mi/research-analysis/taiwan-economy-slumps-into-recession-may23.html#:~:text=Taiwan%20slides%20into%20recession%20in,by%206.5%25%20y%2Fy>. Acesso em: 19 mar 2023.

TAIWAN entra em recessão e Hong Kong cresce com turistas. Folha, 5 mai. 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/05/taiwan-entra-em-recessao-hong-kong-sai-com-turistas-da-china.shtml>. Acesso em: 20 maio. 2023.

TAIWAN GDP down 3.02% in Q1 as economy sinks into recession. Nikkei Asia. Disponível em <https://asia.nikkei.com/Economy/Taiwan-GDP-down-3.02-in-Q1-as-economy-sinks-into-recession>. Acesso em: 20 maio. 2023.

TAIWAN raises concern over growing domestic crisis in China. GLOBAL NATION, 2023. Disponível em CRAWFORD et al. The World Is Dangerously Dependent on Taiwan for Semiconductors. Disponível em <https://www.bloomberg.com/news/features/2021-01-25/the-world-is-dangerously-dependent-on-taiwan-for-semiconductors>. Acesso em: 20 maio. 2023.

# 3

## O AVANÇO DA OTAN NA ÁSIA-PACÍFICO

Luiza Simões Bethlem Monteiro  
Samia Abinader Franco

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi criada em 1949, durante a Guerra Fria, sob a liderança dos Estados Unidos, tendo como objetivo assegurar a segurança e a proteção dos países membros e conter a ameaça comunista da União Soviética, bem como os nacionalismos de caráter militarista. Atualmente, a aliança possui 31 membros, caráter defensivo e fidelidade aos princípios da Carta das Nações Unidas, visando garantir os interesses econômicos, de segurança, de dissuasão e defesa coletiva, prevenção e gestão de crises e militarização dos Estados-membros, além de atuar como um órgão que está buscando sempre aumentar suas alianças e parceiros. Nesse contexto, vale destacar a atual boa relação da OTAN com o Japão. Entretanto, essa parceria, aliada ao interesse da aliança de expandir-se para região da Ásia-Pacífico provoca incômodo a China, que alega causar um impacto na estabilidade da região, pois tem seus interesses vitais ameaçados, como a sua hegemonia. Dado que a China objetiva expandir-se mundialmente e para isso é necessário apoio de aliados, especialmente dos que estão territorialmente mais próximos. Dessa forma, a possibilidade da inserção da OTAN na região Ásia-Pacífico faz com que o país se sinta inseguro, pois a formação de novas alianças pode impactar na segurança e defesa chinesa.

Assim, embora haja oposição, a aproximação Japão-OTAN parece ser benéfica para ambos, dado que o objetivo dessa parceria não é transformar o país asiático num membro da organização, e sim promover um aprofundamento e fortalecimento da troca econômica, militar e diplomática entre eles. Para o Japão, o aprofundamento dessa cooperação é um ideal político adotado pelo Estado para desenvolver relações com potências amigas tanto na Ásia como em outros territórios do Sistema Internacional.

Nesse sentido, além de possuir acordos com países como Índia, Vietnã e Filipinas, o Japão tem vontade de aumentar sua segurança por meio de grandes alianças, como os novos acordos com o Reino Unido e o Diálogo de Segurança Quadrilateral, que consiste em um fórum estratégico informal

entre o país e os Estados Unidos, Austrália e Índia, que estão respondendo a crises humanitárias e objetivam uma região Indo-Pacífica mais segura e próspera. Assim, dadas as discussões que ocorreram no segundo encontro do Quad em 2022, o qual foi sediado pelo Japão, considera-se a iniciativa como uma forma de ganho de capital diplomático e fortalecimento da sua inserção internacional sob o governo do Primeiro Ministro Kishida. Em certo sentido, a OTAN serve como ponte ao Japão para o ocidente, assim como ele fornece uma ponte da organização para os países asiáticos. Ademais, dado que os EUA possuem uma força militar poderosa e ameaçadora, torna-se uma forma de se proteger principalmente com a ascensão chinesa na região e a possível escalada de tensões, devido à crescente militarização que pode gerar um dilema de segurança, ameaçando a paz, o que tornaria possível uma intervenção da OTAN.

Para a OTAN, pode-se pensar que o Japão ofereça a vantagem de ter um aliado na região Ásia-Pacífico, dado que o Estado japonês é um dos que possui uma das maiores influências diplomáticas na região, podendo incentivar a cooperação de novos aliados asiáticos com a organização. Outro fator que influencia essa cooperação são os acordos relacionados à segurança entre os países da região que despertam interesse, entre eles, como mencionado anteriormente, estão Índia, Vietnã e Filipinas.

Assim, a maior atuação da OTAN na região Ásia-Pacífico é benéfica para a organização, pois os países asiáticos apresentam um constante crescimento tanto econômico como militar, que pode influenciar no aumento de poder da organização. O aumento do poder econômico pode gerar uma maior capacidade de compra de equipamentos bélicos, como armas nucleares e investimentos nas forças armadas, aumentando sua militarização. Nesse contexto, o desenvolvimento dos países asiáticos gera a possibilidade de fortalecer sua segurança nacional, gerando o interesse da OTAN em uma possível parceria futura. Logo, um de seus planos para a concretização desse aumento é a abertura de um escritório em Tóquio com o intuito de formalizar essa parceria na Ásia-Pacífico. Nesse contexto, a China, que possui um grande poder regional, não aprova a influência dessa aliança na região.

A China é um dos países que possui mais influência na região Ásia-Pacífico e os Estados Unidos é outra grande potência, mas entre eles há algumas divergências de interesses e cada vez mais é notório a competição pelos seus espaços no Sistema Internacional. Para o Estado chinês, a aproximação da OTAN apresenta como risco um aumento significativo da influência estadunidense entre os países asiáticos. O Governo chinês acredita que a Ásia-Pacífico não deveria aceitar a mentalidade da Guerra Fria e é contra confrontos em campo, além de defender que a atuação da OTAN na região pode desencadear desordem e ferir a segurança regional. Dessa forma, a China possui uma grande desconfiança da organização e acredita que o futuro do sistema deveria girar em torno da integração econômica e não militar, não concordando, então, com o expansionismo militar da OTAN. Essa desavença é reflexo das relações entre Estados Unidos-China. O Japão é um dos países que rivaliza com a China, portanto, essa cooperação que está crescendo com a OTAN, faz com que o Estado chinês se sinta ameaçado.

Em adição, outro importante aliado dos Estados Unidos na região é a Coreia do Sul, que além de estar em sua área de influência econômica, também faz parte dos três países que mais possuem bases e tropas americanas no seu território, o que se dá, principalmente, devido à proteção que a potência oferece ao país, considerando-se o poderio nuclear de sua vizinha, a Coreia do Norte e a possível ameaça que ela representa. Nesse sentido, a influência norte-americana sobre a Coreia do Sul pode servir de incentivo para outros países asiáticos que procurem defesas contra a ameaça norte coreana, cujos testes nucleares recentes e as hostilidades com o Japão e Coreia do Sul, demonstradas por meio dos testes têm crescido, possibilitando a escalada de tensões na região. Elas se tornam mais prováveis ao considerar-se a disputa por influência entre Estados Unidos e China envolvendo esses países. Tais circunstâncias podem tornar a região mais propensa a relacionar-se com a OTAN.

Conclui-se, portanto, que, por meio do fortalecimento de relações e alianças dos Estados Unidos, com países da Ásia-Pacífico, há a formação de uma abertura para que a Organização do Tratado do Atlântico Norte avance sobre a região, garantindo assim um aumento da cooperação com os países asiáticos e

consequentemente, de sua influência. O que afeta a estabilidade regional, dadas as tensões com a potência chinesa, que declara publicamente sua insatisfação com a tentativa norte-americana de aprofundar seu poder na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALOR GLOBO. OTAN abrirá escritório no Japão, aprofundando envolvimento indo pacífico. *Nikkei Ásia*, 3 de Maio de 2023. Disponível em <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/05/03/otan-abrir-escritorio-no-japo-aprofundando-envolvimento-indo-pacifico.ghtml>. Acesso em mai. 2023.

HORA DO POVO. China adverte que avanço da Otan na Ásia e Pacífico é uma ameaça à paz. *Hora do Povo*, 6 de maio de 2023. Disponível em <https://horadopovo.com.br/china-adverte-que-avanco-da-otan-na-asia-e-pacifico-ameaca-a-paz/>. Acesso em mai. 2023.

KAIZUKA, James. Japan and NATO: An Inevitable Partnership? *The Diplomat*, 8 de Maio de 2023. Disponível em <https://thediplomat.com/2023/05/japan-and-nato-an-inevitable-partnership/>. Acesso em mai. 2023.

KHALID, Imran. NATO's outreach to Asia is a very perilous step. *The Jakarta Post*, 8 mai. 2023. Disponível em: <https://www.thejakartapost.com/paper/2023/05/08/natos-outreach-to-asia-is-a-very-perilous-step.html>. Acesso em mai. 2023.



## **VIAGEM DE LULA À CHINA: FUTURO DA RELAÇÃO BILATERAL**

Beatriz Waehnelde da Silva

Franciane da Silva Farias

Nos últimos anos, sob a liderança de Ernesto Araújo, ex-ministro de Relações Exteriores, e com chancela do então presidente, Jair Bolsonaro (2019-2022), as relações diplomáticas entre Brasil e China passaram por momentos desafiadores. As tensões que se intensificaram durante o auge da pandemia abalaram a relação amistosa entre esses dois Estados, que mantinham relações diplomáticas há mais de quarenta anos, com um bom histórico de cooperação, se não, respeito mútuo. Tendo isso em vista, a primeira visita do terceiro mandato do recém eleito presidente Lula ganhou uma importância maior do que normalmente teria, uma vez que a China é o país responsável pelo superávit da balança comercial brasileira e nosso principal parceiro comercial.

É importante ressaltar que essa visita internacional foi a quarta realizada pelo presidente Lula desde sua posse. Até então, ele já havia visitado o Estados Unidos, a Argentina e o Uruguai. As visitas marcam também a volta do Brasil ao multilateralismo e o seu interesse de protagonizá-lo, o que contrasta com a gestão anterior, na qual as relações bilaterais eram mais enfatizadas e o multilateralismo deliberadamente negligenciado.

A viagem, que estava originalmente marcada para acontecer em março, foi adiada para o dia 14 de abril, e contou com uma comitiva que incluía líderes do Governo, empresários de alguns setores da indústria brasileira, representantes do agronegócio e líderes sindicais. É importante notar que essas representações também demonstraram o interesse de diversas camadas da sociedade brasileira na intensificação da relação com o maior parceiro comercial do Brasil. Alguns setores olharam com uma atenção especial para esse encontro, já que os acordos firmados com o país asiático – ou a ausência deles – possuem um impacto direto no setor agropecuário (considerando que a carne bovina brasileira estava sofrendo um embargo por parte da China) e na indústria brasileira, visto que, assim como em outros países da América Latina, o comércio com a China acaba por moldar a matriz econômica brasileira (especialmente no agro e na produção de soja, por exemplo).

Ao todo, a visita do presidente Lula e sua comitiva foi responsável por firmar 15 acordos entre os dois governos. Estes, por sua vez, abrangem diversas áreas, e não só a do comércio. Entre os campos que vão ser impactados por eles, podemos citar os setores da cultura, comunicação, ciência e tecnologia (JUNQUEIRA, CNN, 2023<sup>1</sup>). Na área da comunicação e da cultura, os acordos contemplam a produção de audiovisual, visando ao incentivo à realização de festivais de cinema e o intercâmbio entre profissionais da área. Já no que diz respeito a ciência e tecnologia, os acordos prevêem a cooperação para o desenvolvimento em nanotecnologia, energia limpa, inteligência artificial, biotecnologia, cidades inteligentes, ciência e tecnologia espacial, economia digital, indústria 4.0, biodiversidade, ciências polares e oceânicas, infraestruturas de pesquisa e mudanças climáticas. (OLIVEIRA, O Globo, 2023) Além dos acordos firmados pelos governos, mais vinte acordos foram assinados entre agentes privados e estatais.

Porém, a importância dessa visita não reside apenas nos acordos assinados, mas também na mensagem que ambas as partes enviam para o mundo, por meio de seus discursos e de sua representatividade dentro das instituições. Um exemplo disso é a posse da ex-presidente Dilma Rousseff, como presidente do banco do BRICS (NDB). Este, é importante para os países que fazem parte do bloco, uma vez que é o responsável por oferecer ajuda a países em desenvolvimento, porém sem as tradicionais e burocráticas exigências de entidades como o Banco Mundial. A sua existência não apenas representa uma alternativa financeira, mas uma alternativa política às instituições tradicionalmente lideradas por países do norte global. A escolha de Dilma Rousseff para a sua liderança carrega consigo a importância do Brasil para a instituição. É importante notar que, além da sua experiência como presidente do Brasil, Dilma Rousseff é economista e foi eleita para o cargo de presidente do NBD com unanimidade dos votos.

O discurso do presidente Lula e a sua visita à Huawei<sup>2</sup> também podem ser

---

1 O combate à fome e desenvolvimento social (Memorando de entendimento entre o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar da República Federativa do Brasil e o Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais da República Popular da China na cooperação para o desenvolvimento social e rural e combate à fome e à pobreza) telecomunicações (Acordo de coprodução televisiva entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China), ciência e tecnologia e cooperação científica (Memorando de entendimento sobre cooperação em pesquisa e inovação entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação da República Federativa do Brasil e o Ministério da Ciência e Tecnologia da República Popular da China).

2 A Huawei é uma empresa do ramo da comunicação, e seus produtos - assim como de outras empresas chinesas - foram proibidos de serem vendidos nos Estados Unidos. O governo acusa a empresa chinesa de espionagem e defende que a venda de seus produtos é uma ameaça à segurança nacional.

interpretados como partes de um projeto que busca reorientar o lugar que o Brasil deseja ocupar dentro do sistema internacional, um lugar menos subordinado aos Estados Unidos e mais disposto a cooperar com diferentes nações. Essa sinalização é extremamente necessária, uma vez que a gestão anterior enfatizou demais as relações bilaterais com os Estados Unidos. Porém, essa ação não coloca o Brasil como inimigo do mesmo, apenas demonstra que não existe um alinhamento automático, desde que, ao mesmo tempo em que Lula visita a multinacional chinesa, ele também discursa sobre a construção de um mundo mais plural. Essa abordagem mais conciliadora revela um certo pragmatismo do chefe de Estado brasileiro, algo positivo para o país, que sempre busca soluções negociadas no sistema internacional.

Essa postura mais pragmática e menos alinhada, pode explicar o fato de que, em pouco tempo depois da visita do presidente Lula à China, no dia 20 de abril, o presidente norte-americano Joe Biden anunciou uma doação no valor de \$500 milhões para o Fundo Amazônia. De maneira geral, os Estados Unidos tendem a não dar tanta importância aos Estados que já estão sob a sua esfera de influência, no sentido de que já não se faz necessário criar mecanismos de buscar a sua aprovação (HEINE, 2006, p. 500). Em outras palavras, o fato do Brasil deixar claro que não pretende delimitar sua política externa apenas com linhas ocidentais faz, nesse contexto, com que os Estados Unidos busque mecanismos de aproximação, se refletindo aqui em uma doação para o Fundo Amazônia.

É possível avaliar essa visita ao país asiático como uma busca por conciliação e equilíbrio para a política externa brasileira. Sinalizações positivas à China foram feitas, mas decisões, como não fazer parte da Nova Rota da Seda,<sup>3</sup> também demarcam um limite a essa relação, mostrando que os dois países podem cooperar e trabalhar juntos multilateralmente, porém, respeitando a autonomia de cada um.

---

<sup>3</sup> A Nova Rota da Seda Chinesa, também conhecida como Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), é um projeto de infraestrutura e desenvolvimento econômico lançado pela China em 2013. Consiste em uma rede terrestre e marítima que visa promover o comércio, investimento e cooperação entre a China, Ásia, Europa, África e outras regiões. A China investe em projetos de infraestrutura ao longo dessas rotas. No entanto, a iniciativa é controversa devido a preocupações geopolíticas, sustentabilidade financeira e impactos ambientais e sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assessoria de comunicação/MMA. “EUA anunciam doação de R\$ 2,5 bilhões para o Fundo Amazônia”. **Ministério do meio ambiente**, 20 de abril de 2023. Disponível em <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/noticias/eua-anunciam-doacao-de-r-2-5-bilhoes-para-o-fundo-amazonia>. Acesso em 24 mai. 2023.

LÓPES, Leo. “Lula e Xi assinam 15 acordos envolvendo governos de Brasil e China.” **CNN Brasil**, 14 de abril de 2023. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lula-e-xi-assinam-15-acordos-envolvendo-governos-de-brasil-e-china-veja-a-lista/#:~:text=Em%20um%20encontro%20em%20Pequim,do%20Brasil%20e%20da%20China>. Acesso em 24 mai. 2023.

MATOS, Maria Clara. Por que a viagem de Lula à China é tão importante? Entenda. **Estadão**, 13 abr. 2023. Disponível em <https://investidor.estadao.com.br/comportamento/lula-viagem-china-encontro-xi-jinping/>. Acesso em 24 mai. 2023.

NINIO, Marcelino. “Brasil não deve assinar adesão à 'Nova Rota da Seda' na visita de Lula à China, diz Haddad.” **O Globo**, 13 abr. 2023. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/04/brasil-nao-deve-assinar-adesao-a-nova-rota-da-seda-na-visita-de-lula-a-china-diz-haddad.ghtml>. Acesso em 24 mai. 2023.

SAID, Flávia. China virou maior parceira comercial do Brasil ainda no governo Lula II; veja números. **Metrópoles**, 14 abr. 2023. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/economia-br/china-virou-maior-parceira-comercial-do-brasil-ainda-no-governo-lula-ii-veja-numeros>. Acesso em 24 mai. 2023.

UCHÔA, Marcos. “A visita de Lula à China marca um novo momento da diplomacia brasileira”. **Agência Brasil**, 13 abr. 2023. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-04/visita-de-lula-china-marca-novo-momento-da-diplomacia-brasileira>. Último acesso em 24 mai. 2023.

# 5

## A PERSPECTIVA FILIPINA COM RELAÇÃO AO MAR DA CHINA MERIDIONAL

Matheus Lopes de Albernaz  
Rogério Holanda Zoghbi

O Mar da China Meridional (MCM), também conhecido como Mar do Sul da China, é uma região de grande relevância econômica graças aos seus recursos naturais e por ser uma localização estratégica. Com reservas de gás natural e petróleo, além da pesca e turismo, a região é importantíssima por conta dos seus recursos energéticos e alimentares. Ademais, é uma rota marítima crucial para o comércio internacional. Mas, devido a disputas quanto à soberania do território, a estabilidade da região pode acabar se encontrando ameaçada.

Contestações e protestos filipinos relacionados às ações chinesas no MCM são recorrentes desde a década de 1990, quando a China iniciou seu projeto de construção em pequenas ilhas que fazem parte da Zona Econômica Exclusiva das Filipinas<sup>1</sup>(ZEE). Desde então, houve diversos casos de disputas entre os dois Estados, sempre tendo como palco principal o Mar da China Meridional ou como é chamado por Manila, o Mar do Oeste das Filipinas. Casos como o impasse de Scarborough Shoal<sup>2</sup> em 2012 e a arbitragem do Mar do Sul da China<sup>3</sup> em 2016 contribuíram para que essa disputa ganhasse uma dimensão internacional e envolvesse outros atores, um deles, os Estados Unidos.

Entretanto, as medidas legais tomadas não foram o suficiente para a reivindicação do território filipino, especialmente em 2016, gerando insatisfação pelo descumprimento das leis internacionais por parte de Pequim, além de pôr em xeque a legitimidade do Tribunal Permanente de Arbitragem, organização internacional com a função de resolver conflitos entre Estados. Dito isso, a assertividade chinesa no MCM se manteve, aumentando cada vez mais sua presença na área. Tanto em 2021 quanto em 2022, o Governo filipino protestou diplomaticamente contra a presença ilegal de mais de 100 barcos

---

1 Os ZEEs dos Estados são faixas marítimas ao redor de suas costas, que ultrapassam a parte territorial marítima. Estados podem reivindicar essas zonas, tendo prioridade de navegação, uso e proteção de seus recursos naturais.

2 O impasse de Scarborough Shoal foi uma situação em que ocorreu uma tentativa de apreensão de navios de pesca chineses pela marinha filipina próximo ao Scarborough Shoal, uma ilha reivindicada por ambos países. Navios da marinha chinesa impediram que a apreensão ocorresse.

3 O caso de arbitragem em 2016 foi feito pelas Filipinas contra a China sob os auspícios do anexo VII do UNCLOS relacionados a questões sobre o Mar do Sul da China. O governo filipino ganhou o caso, recebendo legalmente a soberania exclusiva em certas áreas desse mar.

chineses em seu território marítimo.

Com uma falta de eficiência jurídico-legal para resolver esse litígio, meios coercivos se tornaram cada vez mais comuns na região, com um estreitamento de uma aliança militar entre Filipinas e Estados Unidos, evidenciado por investimentos de Washington na infraestrutura de defesa filipina (EDCA)<sup>4</sup> e o recente aumento da presença naval estadunidense com exercícios navais e militares feitos na região, em conjunto com Manila. Adicionalmente, o Governo dos EUA afirmou compromisso em defender o território marítimo das Filipinas: qualquer ataque a embarcações filipinas no MCM ativará esse compromisso de defesa. Apenas a Marinha estadunidense é capaz de mitigar a assertividade chinesa e “equilibrar” a disputa territorial marítima nessa área.

Outra estratégia de coerção feita por Manila contra Pequim é a publicação de vídeos e documentação de testemunhas para mostrar ações chinesas ilegais e não pacíficas no Mar da China Meridional. Isso é uma tentativa de pôr pressão no Governo chinês para se justificar, ao mesmo tempo que dificulta o processo de resposta chinesa, ameaçando a legitimidade das suas ações dentro do sistema internacional.

Em contrapartida às posições das Filipinas e dos EUA, a China apresenta seu próprio leque de argumentos acerca da defesa de sua soberania sobre o território. Partindo do conceito de estabilidade hegemônica apresentado pelo falecido internacionalista Robert Gilpin, por mais que a República Popular da China detenha a capacidade e recursos econômicos para exercer suas políticas no Sistema Internacional, como se espera de toda potência hegemônica em potencial, é interessante para ela ter o prestígio e o reconhecimento dos outros atores para tal, visto eles se traduzirem na legitimação de sua ascensão ao papel de hegemonia.

Primeiramente, a base da reivindicação de soberania chinesa sobre as ilhas do Mar da China Meridional é histórica. De acordo com Cong Peiwu, atual embaixador chinês no Canadá, há registros que datam desde o século II a.C. de povos, reconhecidos como chineses pelo governo da China, vivendo nas ilhas

---

4 Enhanced Defense Cooperation Agreement: Acordo feito entre Estado Unidos e Filipinas visando o estreitamento da aliança militar entre eles, através da construção de estruturas para o armazenamento de equipamentos militares (aviões, munição, combustível) e alocação de militares estadunidenses.

localizadas nesta região. Segundo ele, a China publicou um mapa de suas regiões administrativas reivindicando esse território em 1948, período após o imperialismo japonês, no qual a China recuperou seus territórios ocupados, e desde então reforça sua soberania sobre a região por meio de suas declarações e leis.

Em busca de uma legitimidade a ser concedida pelo Sistema Internacional que não se limite a relíquias históricas, a China vem impulsionando um estreitamento de suas relações com Estados na região. Na Cúpula China-ASEAN de 2013, a “Iniciativa 2+7” foi apresentada por Li Keqiang, ex-primeiro-ministro chinês, contendo dois princípios fundamentais e sete agendas de negociação. O princípio e agendas que expõem a vontade chinesa de harmonizar os interesses dos Estados-membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático com os seus próprios são respectivamente: o desenvolvimento da cooperação de segurança-política, uma reunião anual dos ministros de defesa da ASEAN e da China, além da construção da cooperação no Mar da China Meridional.

De acordo com o Dr. David Arase, professor residente da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, a China ofereceu uma série de recursos aos membros da ASEAN na expectativa de angariar “face”, que pode ser traduzida como legitimidade política doméstica na região. No entanto, a estratégia chinesa de coagir e persuadir a ASEAN pode ser entendida como a responsável pela erosão da confiança institucional na organização (LE THU, 2019). O que, conseqüentemente, faz com que cada membro busque benefícios individuais ao se relacionarem com a China de acordo com seus próprios interesses.

Vale ressaltar, porém, que a falta de coesão na ASEAN não é uma característica necessariamente nova ou resultante apenas da situação descrita anteriormente, mas que ela possibilita que certos Estados, como as Filipinas, procurem auxílio de fora da região para alcançarem seus próprios objetivos. Então, percebe-se o surgimento de um dilema em relação à estratégia chinesa, pois, na busca pelo prestígio e legitimidade quanto a sua soberania sobre o Mar do Sul da China, acaba expondo os limites dos benefícios que a ASEAN pode conceder a alguns Estados-membros. Aproximam-se, assim, esses Estados de potências ocidentais, como os EUA, que querem se opor à influência e projeção chinesa sobre a área, o que explica a conjuntura atual da

região e o impasse pelo qual os Estados nela enfrentam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Rene. U.S., Philippines Add Four More Sites to EDCA Military Basing Agreement. *USNI News*. Disponível em <https://news.usni.org/2023/02/02/u-s-philippines-add-four-more-sites-to-edca-military-basing-agreement>. Acesso em 29 mai. 2023

ARASE, David. Explaining China's 2+ 7 initiative towards ASEAN. In: *Explaining China's 2+ 7 Initiative Towards ASEAN*. ISEAS Publishing, 2015. Disponível em [https://www.researchgate.net/profile/David-Arase-2/publication/331953420\\_Explaining\\_China's\\_27\\_Initiative\\_Towards\\_ASEAN/links/60d0e8fa92851ca3acbadf9e/Explaining-Chinas-2-7-Initiative-Towards-ASEAN.pdf](https://www.researchgate.net/profile/David-Arase-2/publication/331953420_Explaining_China's_27_Initiative_Towards_ASEAN/links/60d0e8fa92851ca3acbadf9e/Explaining-Chinas-2-7-Initiative-Towards-ASEAN.pdf). Acesso em 24 mai. 2023.

CONG, Peiwu. The History and Reality of the South China Sea Issue. Embassy of the People's Republic of China in Canada. Disponível em [http://ca.china-embassy.gov.cn/eng/sgxw/202009/t20200913\\_4615002.htm](http://ca.china-embassy.gov.cn/eng/sgxw/202009/t20200913_4615002.htm). Acesso em 24 mai. 2023.

GILPIN, Robert. *War and change in world politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

GOLDENZIEL, Jill. The Truth About The Philippines' New Strategy Against China. *Forbes*. Disponível em <https://www.forbes.com/sites/jillgoldenziel/2023/03/30/the-truth-about-the-philippines-new-strategy-against-china/?sh=64491fd2537e>. Acesso em 24 mai. 2023.

LE THU, Huong. China's dual strategy of coercion and inducement towards ASEAN. *The Pacific Review*, v. 32, n. 1, p. 20-36, 2019. Disponível em [https://daisukybiendong.files.wordpress.com/2018/02/huong-le-thu-2018-china\\_s-dual-strategy-of-coercion-and-inducement-towards-asean-signed.pdf](https://daisukybiendong.files.wordpress.com/2018/02/huong-le-thu-2018-china_s-dual-strategy-of-coercion-and-inducement-towards-asean-signed.pdf). Acesso em 24 mai. 2023.

PEÑA, Kurt Dela. Aggression in West PH Sea: China's maritime 'Great Wall' plan. **INQUIRER.net**. Disponível em <https://globalnation.inquirer.net/214202/aggression-in-west-ph-sea-chinas-maritime-great-wall-plan#ixzz82Wob1CYG>. Acesso em 24 mai. 2023.

ZHANG, Adrianna. US, Philippines Issue New South China Sea Defense Guidelines. **Voice of America**. Disponível em <https://www.voanews.com/a/us-philippines-issue-new-south-china-sea-defense-guidelines/7079809.html>. Acesso em 24 mai. 2023.

# 6

## A EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA NA ÍNDIA: CAUSAS E EFEITOS

Isabela Süssekind Rocha Torres  
Guilherme Uram

Em abril deste ano, a Índia ultrapassou a China como a nação mais populosa do mundo ao atingir um número de aproximadamente 1.4 bilhões de habitantes, conforme prevê o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (2023). A explosão demográfica no país evidencia a discussão acerca da capacidade do governo indiano em replicar o crescimento econômico da nação chinesa, considerando-se os interesses do primeiro-ministro, Narendra Modi, em expandir os setores estratégicos da economia do país. No entanto, desafios que caracterizam o contexto indiano, como a pobreza, a escassez de infraestrutura, a falta de mão de obra especializada e o acesso às necessidades básicas para a majoritária parcela da população permanecem sendo entraves para o desenvolvimento previsto por Modi.

Entre 2022 e 2023, a Índia se posicionou como uma das economias de mais rápido crescimento no mundo, estimando-se um acréscimo de 7,7% ao PIB real durante os três primeiros trimestres do ano fiscal de 2022/23, conforme indicam os dados do Banco Mundial (2023). O crescimento foi sustentado, sobretudo, por uma forte atividade de investimento, impulsionada pelo aumento das despesas de capitais do governo e pelo consumo privado dinâmico, principalmente entre os mais ricos (WORLD BANK, 2023). Em 2023, o Banco Mundial estima que a Índia obtenha um crescimento econômico de 6,6%, em comparação com 4,3% da China e apenas 0,5% dos Estados Unidos, além de projetar que o país se torne, até 2035, apenas o terceiro Estado a atingir um PIB de US\$ 10 trilhões (CNN, 2023).

Além disso, de acordo com Poonam Muttreja, diretora executiva do Population Foundation of India (PFI), tornar-se o país mais populoso do mundo sinaliza uma “mudança de paradigma” para o desenvolvimento indiano, uma vez que a população mais jovem do país é potencialmente capaz de impulsionar a economia, em um fenômeno denominado de “dividendo demográfico”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O dividendo demográfico refere-se ao período em que um país goza de uma população relativamente grande de adultos em idade de trabalhar em relação à população fora da chamada idade ativa, o que oferece uma janela atrativa para acelerar o crescimento econômico e aumentar o desenvolvimento do capital humano (UNFPA Brasil).

Assim, conforme aponta Quraishi (2021), a força de trabalho que havia migrado para o Ocidente se converteu no que o autor intitula de “recursos humanos”, isto é, a fonte de uma revolução econômica que devolve à Índia 90 bilhões de dólares em remessas advindas do exterior, acelerando a economia indiana.

Nesse sentido, considerando-se o contexto de evolução econômica, tornou-se crucial para o país uma maior discussão e conscientização referente à explosão populacional indiana, uma vez que a movimentação resultante da combinação de crescimento econômico e populacional pode provocar grandes desafios para a economia do país. Isso ocorre, principalmente, devido à dificuldade do governo de Narendra Modi em promover reformas trabalhistas de alcance nacional, que visem reduzir a informalidade do mercado de trabalho e, conseqüentemente, ampliar a criação de riqueza na Índia (JORNAL DA UNESP, 2023).

Dessa forma, dentre as possíveis medidas para o controle do crescimento populacional no país, inúmeros estados indianos, incluindo o mais populoso, Uttar Pradesh, consideram impor uma “política de dois filhos”, semelhante à política do filho único exercida na China na década de 80. O projeto da nova legislação, proposta pelo partido nacionalista hindu *Bharatiya Janata Party* (BJP), do qual Narendra Modi pertence, oferece incentivos à esterilização voluntária — sobretudo para as castas mais baixas, muçulmanos e *adivasis*, povos tradicionais indianos — e ao cerceamento de empregos e subsídios governamentais para famílias que ultrapassem o limite de filhos estipulado (THE GUARDIAN, 2021).

No entanto, as políticas de controle populacional do BJP têm sido duramente criticadas por parcelas da população indiana, que a acusam de polarizar a sociedade ao reforçar a narrativa hindu de que a comunidade muçulmana seria a responsável pelas altas taxas de natalidade e estaria “prestes a dominar a Índia”. Contudo, conforme indica o relatório do censo de 2011, a diferença no índice de natalidade entre hindus e muçulmanos esteve diminuindo rapidamente, visto que foi registrado uma baixa histórica na taxa de crescimento decadal do grupo muçulmano (THE QUINT, 2023). Ademais, leis semelhantes à política de dois filhos já foram anteriormente implementadas em estados indianos, porém foram revogadas devido à falta de evidências referentes a sua real eficácia no combate à natalidade excessiva.

Nesse aspecto, para o autor indiano Amartya Sen (1994), cuja teoria define o desenvolvimento como proporcional ao aumento da liberdade individual e cívica, a redução no número de filhos por famílias indianas deveria ser baseada em uma escolha própria, e não atingida por vias coercitivas. Isso poderia ser feito a partir de um apoio governamental sistemático à população, por meio do acesso à educação, ao sistema de saúde e ao desenvolvimento nas esferas social e econômica.

Além disso, a precarização trabalhista existente na Índia também se apresenta como um significativo impeditivo à resolução da questão demográfica e ao desenvolvimento buscado pelo país. Estima-se que 71,1% dos trabalhadores fora do setor agrícola na Índia não possuem contratos formais de trabalho, e mais da metade dos trabalhadores agrícolas não têm direito ao recebimento de pagamento perante a sua demissão (PERIODIC LABOR FORCE SURVEY, 2017-18). Ademais, observa-se que, embora as mulheres representem 48% da população total, compõem apenas 17% do PIB do país (BLOOMBERG, 2023), enquanto os homens constituem 78,8% da força de trabalho indiana (IDR, 2019). Logo, nota-se que, além da insuficiência na garantia de relações trabalhistas estáveis, a Índia também apresenta uma inclusão feminina no mercado de trabalho extremamente baixa.

Portanto, apesar de sua nova posição como um *player* internacional, internamente a Índia ainda falha em promover uma distribuição uniforme de riquezas e oportunidades. Nesse sentido, para que haja a absorção da força de trabalho ativa e o alavancamento do bônus demográfico, a Índia precisaria criar ao menos 90 milhões de novos empregos não agrícolas até 2030, conforme afirma o relatório do *McKinsey Global Institute*, de 2020. Além disso, o país precisaria incluir os grupos tradicionalmente excluídos de sua agenda de desenvolvimento, sobretudo as mulheres e minorias religiosas, a partir do maior investimento em educação e em políticas que as retenham no mercado de trabalho. Assim, conforme aponta Sabina Dewan, pesquisadora sênior do *Center for Policy Research*, embora o crescimento populacional atue como uma valiosa força produtiva, a expansão econômica depende do fornecimento de empregos que permitam uma maior geração de renda para a nação indiana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENIWAL, Vrishti. India Races to Get Rich Before It Gets Old as Population Passes China. **Bloomberg**. 19 Abril 2023. Disponível em <https://www.bloomberg.com/news/articles/2023-04-19/india-races-to-get-rich-before-it-gets-old-as-population-passes-china>. Acesso em mai. 2023.

CNN. How India's population exploded to overtake China's and what's next. 28 de abril de 2023. Disponível em <https://amp.cnn.com/cnn/2023/04/28/asia/india-population-overtakes-china-graphics-intl-hnkdsg/index.html>. Acesso em mai. 2023.

JORNAL DA UNESP. Índia se torna nação mais populosa do planeta ao mesmo tempo que experimenta boa fase na economia. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/05/08/india-se-torna-nacao-mais-populosa-do-planeta-ao-mesmo-tempo-que-experimenta-boa-fase-na-economia/>. Acesso em mai. 2023.

PRADHAN, Bibhudatta. What India Becoming the World's Most-Populous Nation Means. **Bloomberg**. 19 Abril 2023. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2023-04-19/explainer-what-india-passing-china-to-become-world-s-most-populous-nation-means>. Acesso em mai. 2023.

QURAIISHI, S.Y. **The Population Myth: Islam, Family Planning and Politics in India**. HarperCollins, 2021. Acesso em mai. 2023.

SEN, Amartya. **Population: Delusion and Reality**. The New York Review of Books, 41. 1994.

SILVER, Laura. Key facts as India surpasses China as the world's most populous country. **Pew Research Center**. 9 fev. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/02/09/key-facts-as-india-surpasses-china-as-the-worlds-most-populous-country/>. Acesso em mai. 2023.

THE QUINT. India's 'Population Explosion' & Two-Child Policy: Myths Versus Facts. 8 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.thequint.com/news/india/up-two-child-policy-what-does-data-show-about-indias-population-explosion#read-more>. Acesso em mai. 2023.

TIME. How India's Record-Breaking Population Will Shape the World. 19 de abril de 2023. Disponível em <https://time.com/6248790/india-population-data-china/>. Acesso em mai. 2023.

WORLD BANK. Indian Economy Continues to Show Resilience Amid Global Uncertainties. 4 abr. 2023. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2023/04/04/indian-economy-continues-to-show-resilience-amid-global-uncertainties>. Acesso em mai. 2023.



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO



Instituto  
de Relações  
Internacionais



PUC  
RIO

